



ESCRITOR ENGAJADO:

Compromisso social em Teolinda Gersão

ENGAGED WRITER:

Social commitment in Teolinda Gersão

Revista dos Cursos de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras – Unifap

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 26/06/2025

Aprovação do trabalho: 09/8/2026

Publicação do trabalho: 19/10/2026

Marcio Jean Fialho de Sousa  

pcopmarciojean@gmail.com

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

COMO CITAR

FIALHO DE SOUSA, Marcio Jean. ESCRITOR ENGAJADO: Compromisso social em Teolinda Gersão. Revista Letras Escreve, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 15–23, 2026. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/letrasescreve/article/view/933>.

Resumo

Partindo da análise acerca do papel do escritor na literatura, o objetivo deste artigo é analisar a inserção do escritor na sociedade a partir das perspectivas apresentadas pelas personagens Freud e Thomas Mann presentes na narrativa de Teolinda Gersão, particularmente, em *O Regresso de Júlia Mann a Paraty*. O corpus de análise, porém, está focado nos dois primeiros capítulos da romance, cujo centro está nas perspectivas de autodiegéticas das personagens supracitadas. Para esse estudo, foram empregadas perspectivas teóricas propostas por Benjamin Abdala Júnior em seu livro *Literatura, História e Política*, de 2007, além de outros críticos que puderam corroborar com as reflexões aqui propostas.

Palavras-chave: Teolinda Gersão; Freud; Thomas Mann; O regresso de Júlia Mann a Paraty; Escritor Engajado.

Abstract:

Based on the analysis of the role of the writer in literature, the aim of this article is to analyze the insertion of the writer in society from the perspectives presented by the characters Freud and Thomas Mann in the narrative of Teolinda Gersão, particularly in *O regresso de Júlia Mann a Paraty*. The corpus of analysis, however, is focused on the first two chapters of the novel, whose centre is on the autodiegetic perspectives of the aforementioned characters. For this study, theoretical perspectives proposed by Benjamin Abdala Junior in his book *Literatura, Historia e Política*, from 2007, were used, in addition to other critics who were able to corroborate the reflections proposed here.

Key words: Teolinda Gersão; Freud; Thomas Mann; O regresso de Júlia Mann a Paraty; Engaged Writer.

Introdução

“Poucos escritores portugueses tratam tão delicadamente língua portuguesa como Teolinda Gersão (TG). Ou tão ironicamente.” (RITA, s.d., p. 11)

“Eu próprio pensara, décadas antes, que a Psicanálise tinha todas as respostas, e iria mudar o mundo.” (GERSÃO, 2021. p. 12)

Atualmente, com oitenta e cinco anos de idade, e com um pouco mais de quarenta anos de vida literária, Teolinda Gersão continua encantando seu público leitor com novas e instigantes narrativas. O número de obras publicadas chama a atenção, até mesmo pelo curto espaço de tempo entre uma obra e outra, muitas vezes. Esse ritmo de produção não invalida nem desqualifica a intensidade de sua escrita literária, pelo contrário, suscita novas estratégias narrativas e inovadoras temáticas que regem o mote dos seus textos.

Em suas últimas publicações, a saber, *Prantos, amores e outros desvarios* (2016), que fecha com o conto “*Alice in thunderland*”, entre os quais merece uma atenção especial, cuja a narrativa recupera a história da verdadeira Alice que inspirou as conhecidas obras que iniciam e seguem a partir de Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll; seguida de *O regresso de Júlia Mann a Paraty* (2021), na sequência, a *Autobiografia não escrita de Martha Freud* (2024), Gersão inaugura um novo modo de narrar em seus livros, como que concluindo um processo de escrita que passa do conto aos romances. Nessas obras, a escritora toma como personagens personalidades reconhecidas mundialmente no campo das artes literárias: Lewis Carroll e Thomas Mann; e das ciências, este último referindo-se a Sigmund Freud; mas longe de imaginar um reforço de estereótipos de homens ilibados, modelos a serem seguidos e isentos de quaisquer vícios e ou desvios culturais, Teolinda Gersão escolhe reler essas personagens, desvendar situações não ditas e ou camufladas, ressignifica as histórias das mulheres que foram apagadas nas sombras desses homens na história. A autora retira dessas “lendas” representativas de seu tempo, do mundo artes literárias e médicas, o manto que cobre verdades não ditas, engavetas, encobertas e “apagadas” na história e pela história.

Em *O regresso de Júlia Mann a Paraty*, publicado em 2021, Teolinda Gersão apresenta ao seu leitor uma nova expressão literária onde, a partir de uma tríade narrativa, constrói um enredo curioso capaz de confundir o leitor desatento e conquistar àquele aberto aos desafios da leitura. Nessa obra, Teolinda conduz o leitor pelos pensamentos e anseios de personagens históricas de maneira bastante autêntica, contextualizada em um período conturbado da história mundial que deixou muitas cicatrizes profundas na memória como consequência da II Grande Guerra Mundial e da perseguição nazistas.

Também chamando a atenção para o papel do leitor frente a este romance de Teolinda Gersão, Ângela Beatriz de Carvalho Faria (2023) nota que diante do texto “O leitor depara-se-á com um olhar alheio [...] que flagra as figuras historicamente conhecidas, no meio intelectual, em seu exercício de

desvelar a si mesmas e à outra [...] o que pensam e sentem” (FARIA, 2023, p. 270). Esse jogo narrativo estabelece um pacto de leitura com os leitores que se deixarão envolver surpreendendo-se com as descobertas dos pensamentos íntimos dos autores das cartas, a saber: Freud e Thomas Mann.

Conforme anuncia Miguel Real (2024), esse romance de Teolinda Gersão apresenta uma boa síntese do estilo da escrita da autora, “replicando as constantes da sua escrita (a casa e o seu universo eminentemente feminino; o louvor à sensibilidade e à sensualidade; a busca da construção de uma identidade feminina, aliada à memória histórica)” (REAL, 2024, p. 46-47), acrescento a isso o que poderá ser compreendido como a obra prima de seu fazer literário o recente livro publicado, em outubro deste ano, intitulado: *Autobiografia não escrita de Martha Freud*, com as suas 414 páginas, onde a figura central está na personagem histórica que revela a si pela escrita de sua autobiografia ficcional, mas que desvela uma outra face de Sigmund Freud a partir de suas cartas íntimas, onde a instituição autor, sacralizada, do psicanalista renomado, dá lugar ao homem da sociedade, cheio de manias, vícios e mazelas que levam sua futura esposa a se subalternizar por meio de caprichos e exigências do seu amado. Nessa obra, vemos a capacidade de Teolinda Gersão em reconstruir, a partir de evidências textuais autênticas, o pensamento e os sentimentos das personagens com tal sensibilidade que leva o leitor a acreditar estar lendo as palavras das próprias personalidades históricas. Assim como fez com Sigmund Freud e Thomas Mann em *O Regresso de Júlia Mann* a Paraty, faz agora com Martha Freud, neste romance.

Falando sobre o processo criativo acerca da escrita dos pensamentos de Freud e Mann, Teolinda Gersão, em entrevista concedida em junho de 2022, afirma:

Eu senti muito prazer em escrever *O regresso de Júlia Mann*, porque esse livro é baseado em figuras reais, históricas, que eu não queria trair, embora eu não goste do romance histórico, porque mistura a fantasia do escritor com o mundo real, de modo que o leitor não sabe onde acaba a imaginação e onde começa a história real. Eu não me sinto no direito de trair as personagens na sua identidade, procuro sempre respeitá-las. No caso específico de Sigmund Freud e Thomas Mann, que aparecem nesse romance, tive como base as cartas que escreveram um ao outro, as quais mostram que eles se admiravam fisicamente e invejavam-se. (SOUSA, 2024, p. 266)

Nesse sentido, além das evidências empíricas utilizadas para a construção da narrativa, percebe-se o compromisso da autora diante das personagens que nascem de pessoas reais, de modo a não traí-las. Com essa preocupação, Gersão compromete-se também com seu público que, ao buscar um texto literário, encontra, além do texto, um retrato de uma realidade possível e existente. A esse respeito, afirma a escritora que, o leitor pode até não gostar do que leu em seus textos, pois isso não depende do autor, ou seja, ela compreende que este é um aspecto do processo de leitura, mas o autor, por sua vez, precisa ser sempre honesto com seu público, assim afirma Gersão:

O leitor pode não gostar do livro. O autor é que não pode enganar seu

público. Quer dizer, isso é o que eu penso. Afinal, nós não temos nenhum controle sobre o gosto do leitor. Quando o leitor não quer, ele fecha o livro e não lê mais, mas acho que temos que ser honestos. (Cf. SOUSA, 2024, p. 272)

Retomando a *O Regresso...*, foco deste estudo, o livro apresenta três capítulos e ou narrativas aparentemente desconexas. A primeira, intitulada “Freud pensando em Thomas Mann em dezembro de 1938”, ano anterior a sua morte, no exílio. A segunda “Thomas Mann pensando em Freud em dezembro de 1930”, seguida da última que dá nome ao livro. Para o que se propõe neste espaço, darei destaque às duas primeiras narrativas visto que o objetivo é discutir o compromisso do autor engajado em sua sociedade.

Para esta análise, trago a discussão sobre a instituição autor engajado, apresentado por Benjamin Abdala Junior, em seu livro *Literatura, História e Política: literaturas e língua portuguesa no século XX*, publicado em 2007; as contribuições de Ângela Betraz de Carvalho Faria, com *Alice e Penélope na ficção portuguesa contemporânea*, de 2023, e Álvaro Cardoso Gomes, com seu livro *A voz itinerante*, de 1993.

1 O autor e seu público

Como apresentado anteriormente, os dois primeiros capítulos d’*O regresso* de Júlia Mann a Paraty, carregam o verbo “pensar”, tanto Freud quanto Thomas Mann estão “pensando”, aquele em 1938 e o último em 1930. E sobre o que pensam? Sobre admirações que sentiam um pelo outro, mas, sobretudo, sobre os desafetos mútuos, recalques e acusações.

Para Freud, “Thomas sempre [o] inquietou, desde o início: estava à mercê do lado mais sombrio do seu inconsciente, e trazia aos ombros um peso de montanhas.” (GERSÃO, 2021, p. 11). Por outro lado, Thomas afirmava que Freud era “um falso objecto de desejo [...], não um objecto real.” (GERSÃO, 2021, p. 44), colocava-se sempre em um lugar de destaque, como se todos devessem se colocar à sua disposição.

Como os títulos das duas primeiras narrativas denunciam, o leitor é convidado a mergulhar nos pensamentos de dois grandes escritores expoentes do século XX, de um lado Sigmund Freud (1856-1939), aqui apenas Freud; do outro, Thomas Mann (1875-1955). Sendo ambos de singular importância social, para a intelectualidade e para a literatura universal, havia de se esperar que eles pudessem, quase que automaticamente, colocarem-se em um posicionamento político-crítico e consciente diante das situações que a história foi sendo apresentada em sua época, final da primeira metade do século XX, na Europa.

Segundo Benjamin Abdala Junior (2007),

A condição literária, ao tornar o sujeito da enunciação uma espécie de “radar” sociocultural, leva-o a trabalhar uma matéria que vai muito além de sua consciência. Caso ele seja um escritor consciente de seu ofício - como acontece com frequência entre os escritores de ênfase

social -, ele conhecerá a relatividade de suas “estratégias” discursivas e também as potencialidades das estruturas textuais como elementos geradores de significação. (ABDALA JR, 2007, p. 65).

Nesse sentido, Abdala Jr lança um alerta para o fato de que, indubitavelmente, o autor acaba incluindo em seu texto aspectos de sua realidade social, de modo que sua escrita “vai muito além de sua consciência”. Isso porque, ainda segundo o crítico, o escritor “pode julgar que o texto é apenas seu, não tendo consciência de que na verdade é a sociedade que se inscreve através dele.” (ABDALA JR, 2007, p. 45). Tudo isso porque os escritores também estão inseridos na sociedade e, portanto, em uma cultura. E essa cultura pervarde a escrita, se insere nas escolhas lexicais e também no modo em que o escritor dialoga com sua realidade.

Esse espírito crítico e, por vezes, de resignação vão aparecendo nessa narrativa gersiana a partir do olhar sociocultural de Freud, primeiramente. O autor vai se dando conta do papel do intelectual nesse período e avalia as consequências do silenciamento desses que, de certa maneira, possuem alguma autoridade diante da sociedade. Conforme avalia,

Alemanha regrediu milênios, e mergulhou numa barbárie a que poderíamos chamar pré-história. Parecia impossível, mas aconteceu. Apesar das grandes obras de Goethe, Schiller, Holderlin, Bach ou Beethoven, apesar de toda a sua música, literatura, artes e filosofia, no momento crucial a cultura falhou. (GERSÃO, 2021, p. 10)

Nesses termos, a arte e o pensamento crítico não foram suficientes para parar a barbárie. Freud reconhece esse fracasso não porque compreende que assumiu seu papel no momento adequado, mas porque falhara também como intelectual de seu tempo. Segundo afirma:

Estávamos no começo de uma nova era em que a razão venceria a irracionalidade, e, na sua perspectiva, eu tinha um lugar cimeiro na grande luta a favor da ciência, do progresso e das luzes. Eu próprio pensara, décadas antes, que a Psicanálise tinha todas as respostas, e iria mudar o mundo. (GERSÃO, 2021, p. 12)

O contexto de discussão a que Freud e Thomas estão inseridos na narrativa é o pós guerra. Como se sabe, durante a II Guerra Mundial, o regime nazista teve como principal alvo, os judeus. O objetivo era expulsá-los e ou aniquilá-los por completo da Alemanha nazista. Muitos conseguiram fugir, mas milhares foram assassinados. Tudo isso dentro de um sistema legal e, por isso, autorizado que, conforme apresenta Antonio Carlos do Amaral Azevedo, tinha como base “a tradicional vocação militarista alemã, consubstanciada numa política expansionista, imperialista, fundamentada na suposta superioridade biológica e racial ‘ariana’” (AZEVEDO, 1999, p. 322)

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que Freud faz uma análise do percurso que Thomas Mann deveria ter seguido frente à perseguição nazista contra os judeus, assume também sua fraqueza diante da situação, afinal, também ele nada fizera, ambos falharam. O compromisso de ambos, nesse

caso, ultrapassa os limites da “responsabilidade social”, esbarra também em aspectos dos exercícios de alteridade e de identidade.

Assim afirma Freud: “Durante quase toda a vida, apesar da minha ascendência judaica, sentir-me culturalmente alemão era um dado irrefutável, fazia parte de mim, sem interrogações. Só quando o país começou a enlouquecer deixei de me sentir alemão, à medida que a loucura social avançava.” (GERSÃO, 2021, p. 10). Antes das ações e decisões nazistas, Freud afirma que não se identificava como judeu, nesse sentido, colocava-se em uma posição de superioridade e ou de assimilado em outra cultura, a mesma que vem a renegar, ao tomar consciência da tragédia que passa a assistir.

Quanto a Thomas, assim denuncia Freud, “foi um dos poucos nomes de peso a apoiar a República de Weimar, e tardou anos a manifestar-se quando ela se transformou na Alemanha nazi.” (GERSÃO, 2021, p. 13). Para Freud, Thomas, com as palavras de Miguel Real, era “um burguês decente, alimentando-se de valores clássicos, praticando um humanismo incapaz de se realizar devido à situação demoníaca da Alemanha em 1938” (REAL, 2024, p. 41). Ao destacar essas características de Mann, Freud rebaixa seu contemporâneo a um caráter frágil e a um ser frustrado, aspectos que poderiam ser responsáveis por ofuscar sua razão, por outro lado, Freud acrescenta que Thomas “não foi perseguido como outros escritores. Embora alguns dos seus livros tenham sido queimados, continuou a ser publicado na Alemanha nazi, e provavelmente foi um dos menos lúcidos perante o imenso naufrágio que se aproximava.” (GERSÃO, 2021, p. 11).

Em contrapartida, Freud também se considera falho em seu papel como intelectual engajado, daí a se questionar dizendo:

Mas depois da escalada do nazismo, da anexação da Áustria e do recente massacre da Noite de Cristal, pensar, investigar e escrever parece-me em absoluto insuficiente, e não enjeito o meu quinhão de culpa nos desastres que sucederam – e para os quais, por omissão, contribuí.

Talvez o mundo que conhecemos tenha acabado... escrevemos provavelmente para uma classe privilegiada ... Talvez o tempo do indivíduo tenha passado, e agora seja, para o bem e para o mal, o tempo das multidões, dos grandes movimentos de massas. (GERSÃO, 2021, p. 33-34).

Como nota, o mundo do indivíduo, anunciado pelo romantismo, parece ter dado lugar ao mundo da multidão de Edgar Allan Poe. O ser deixa de existir para dar lugar às massas, aos grupos. Escrever para uma classe privilegiada pressupõe-se estar inserido nesta classe, estar dentro desta elite que é poupada, resguardada. Mas nada disso foi uma inquietação para o personagem-escritor, tudo passou, transcorreu, tanto que continua Freud:

[...] O que esperava eu, enquanto a Alemanha enlouquecia? Esperava que as multidões enraivecidas fossem ler a minha Psicologia das massas e aprender alguma coisa comigo?

Teria sido provavelmente mais útil manifestar-me, sair às ruas,

publicar artigos em jornais. A minha situação de judeu colocava-me numa posição mais ameaçada do que qualquer outro, o que devia ser um incentivo para a acção, e não uma razão atenuante para não agir. Também eu fui responsável pelos desastres da sociedade à minha volta. (GERSÃO, 2021, p. 34).

Nesses termos, Freud reassume a responsabilidade que adquiriu com sua consagração social, dá-se conta de que seu trabalho, como preconizou Abdala Júnior (2007), deveria ir além de seus estudos acadêmicos e publicações notórias, foi dado o tempo de agir, posicionar-se, mas perdera-se.

O que teria mudado com sua ação efetiva, o seu ir às ruas e ou publicações em jornais? Talvez nada, como o próprio psicanalista já havia constatado anteriormente, mas, ao menos, não teria levado a auto culpa da omissão, nem teria se frustrado chegando à conclusão de que dedicou, afirma Freud, “a vida a procurar a verdade sobre o ser humano. [Acreditou] que, se soubermos quem somos, veremos com mais clareza e faremos as escolhas certas.” (GERSÃO, 2021, p. 10).

Vale salientar que Freud, mesmo que judeu, estava inserido na Academia Europeia, sendo produtor de narrativas alienadoras eurocêntrica. Em 1978, criou o conceito de “encarceramento conceptual” com a intenção de “acautelar sobre a adoção acrítica de ideias europeias e americanas para examinar a realidade africana e afro-americana” (SOUSA, 2022, p. 233), ou seja, colocar concepções e fórmulas europeias e americanas como um padrão universal, que podem encarcerar conceptualmente o exame de povos que não são nem europeus nem americanos, como os africanos. Segundo acrescenta Sandra Sousa (2022), “O erro de Freud [...] foi um erro de ação versus passividade, mas a passividade pode aqui ser lida como passividade intelectual, pois a neutralidade política implica ainda uma cegueira em relação ao “outro” e à sua história de escravidão, colonização e subjugação.” (SOUSA, 2022, p. 30).

Em um mergulho reflexivo, Freud se pergunta “será possível que sejamos incapazes de progredir no plano ético, do mesmo modo que, afinal, parecemos incapazes de amor e compaixão?” (GERSÃO, 2021, p. 15). Esse questionamento coloca o leitor em xeque ao mesmo tempo em que eleva o status do autor como engajado na medida em que desestabiliza e incomoda quem lê. Fazendo coro com Sandra Sousa (2022), ao apresentar essa pergunta na narrativa, “Freud pensa em Mann, e Gersão pensa, através de Freud, no público leitor.” (SOUSA, 2022, p. 27). Em outros termos, o que faria o leitor diante dessa situação se pudesse fazer algo diferente?

E aqui entra o outro discurso presente no romance, porém este, vem da ação da própria escritora, Teolinda Gersão. Ou seja, o que tudo isso teria a dizer aos seus leitores? Qual a proposta de reflexão? Talvez a reflexão que fica vem das próprias conclusões apresentadas por Freud: ele que se dá conta da incapacidade de ver a realidade do outro, da incapacidade de empatia ao afirmar que o mundo parece deixar de ser individual passando a ser coletivo em seu pensamento e regulação, mas que também, de algum modo foi tentado a aliar “a mentalidade doente que nos cercava, e [o] centrara demasiado no mundo interior do espírito.” Acreditando que “A Psicanálise bastava-se a si própria, acreditei, e agarrei-me ao meu projeto como se ele pudesse, ou fosse a tempo de consertar

o mundo.” (GERSÃO, 2021, p. 12). Tudo isso sem uma preocupação autêntica com o outro, mas apenas consigo mesmo.

Como diria a personagem Teodoro de Eça de Queirós, em sua novela, *O Mandarim*, depois de ter provocado a morte de outrem para poder usufruir de sua riqueza, afirma no final de tudo que:

E, todavia, ao expirar, consola-me prodigiosamente esta ideia: que do norte ao sul e do oeste a leste, desde a Grande Muralha da Tartária até às ondas do mar Amarelo, em todo o vasto Império da China, nenhum mandarim ficaria vivo, se tu, tão facilmente como eu, o pudesses suprimir e herdar-lhe os milhões, ó leitor, criatura improvisada por Deus, obra má de má argila, meu semelhante e meu irmão! (QUEIRÓS, 1992, p. 191)

Considerações finais

Como tentei demonstrar neste breve estudo, o papel do escritor engajado é contribuir, de alguma maneira, com a reflexão do leitor frente aos seu mundo, ao seu tempo e aos dilemas humanos. Desse modo, o autor assume certa responsabilidade social, como apresentado por Benjamin Abdala Junior (2007). Em acréscimo a isso, Álvaro Cardoso Gomes, por seu turno, diz que “A consciência do autor [...] testemunha um tempo que sofre mudanças contínuas e torna-se um intérprete dessas mesmas mudanças e um criador de possibilidades, para além daquilo que é meramente factual.” (GOMES, 1993, p. 85).

Em outros termos, o autor acaba por denunciar seu tempo, mesmo que possa, por ventura, não querer se envolver politicamente em debates polêmicos. O papel do autor sempre acaba discutindo questões sociais, pois não tem como desvincular o escritor de seu tempo, sendo assim, acaba por trazer marcas históricas, geográfica e culturais de seu lugar de fala.

Em *O regresso de Júlia Mann a Paraty*, Teolinda Gersão apresenta esse debate acerca do escritor engajado ao mesmo tempo em que exerce seu próprio papel como escritora comprometida com seu público, conforme exposto no início deste ensaio. Ao colocar em discussão os pensamentos das personagens principais deste seu livro, Teolinda Gersão promove a reflexão sobre o espaço de tempo em que a II guerra mundial estava em seu ápice, registra fatos e lamenta pela falta de proatividade de intelectuais que se calaram em seu tempo. Ao mostrar, ou mesmo denunciar, a passividade de Freud e Mann diante das atrocidades do regime nazista, Gersão se coloca como aquela que volta o olhar para as questões sociais, que não se cala diante da maldade humana marcada pela campanha nazista, e, simultaneamente, denuncia discursos e silenciamentos.

Referências

ABDALA Jr., Benjamin. **Literatura, História e Política: Literatura de Língua Portuguesa no Século XX**. 2 ed. São Paulo: Ateliê, 2007.

AZEVEDO, Carlos do Amaral. **Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos**. 3ª edição, revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999.

FARIA, Ângela Beatriz de Carvalho. **Alice e Penélope na ficção portuguesa contemporânea**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2023.

GERSÃO, Teolinda. **O regresso de Júlia Mann a Paraty**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

GERSÃO, Teolinda. **Autobiografia não escrita de Martha Freud**. Porto: Porto, 2024.

GOMES, Álvaro Cardoso. **A voz itinerante: ensaio sobre o romance português contemporâneo**. São Paulo: Edusp, 1993.

QUEIRÓS, Eça de. **O Mandarin**. Edição Crítica. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1992.

REAL, Miguel. “Teolinda Gersão: maturidade absoluta”. In: **Portuguese Cultural Studies**. Vol. 8 (1), 2024, p. 38-47. Disponível em: <https://openpublishing.library.umass.edu/p/article/id/2079/> . Acesso em: 24 de out. de 2024.

RITA, Annabela. REAL, Miguel. **O essencial sobre Teolinda Gersão**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa-da-Moeda, s.d.

SOUSA, Marcio Jean Fialho de. “Pesquisas e processos criativos - entrevista com a escritora portuguesa contemporânea Teolinda Gersão”. In: **Convergência Lusíada**, Rio de Janeiro, v.35, n. 51, p. 266-277, jan-jun 2024. Disponível em: <https://www.convergencialusiada.com.br/rcl/article/view/845> Acesso em: 27 de março de 2024.

SOUSA, Sandra. “A Reparação da História e os Erros dos Seus Agentes em O Regresso de Júlia Mann a Paraty”. In: **Comunicação e Sociedade**, vol. 41, 2022, pp. 25-42. Disponível: https://revistacomsoc.pt/index.php/revistacomsoc/article/view/3663/4137?fbclid=IwAR1CtPSJRop_CqInxyZHvPI1Bviu0PGtRHskvowqYBG858jTIMPS7g4TwPM . Acesso em: 24 de out. de 2024.